

## CHORO

Com o passar do tempo, nessa longa, mas inelutável caminhada que, dia a dia, se aproxima do fim, os conceitos vão mudando. Bens, riqueza, poder já não mais atraem e fascinam. Os parâmetros espirituais vão ganhando força e como diz o povão, é chegada a hora de desfiar o rosário. Costuma-se dar menos valor às coisas terrenas. A rigor, vale mais o sorriso de uma criança descuidada e inocente, que u'a montanha de ouro. Um carinho de um filho, de um neto, de um amigo é mais importante que o cetro do poder.

Fui educado para ser machão, aquele que jamais chora em público, que deve esconder as fraquezas pessoais. Fui ensinado a nunca abrir a armadura, as defesas, sendo vergonhoso ser fraco e vacilante. Mas, tudo muda, o modo de encarar a vida, o cotejo dos valores. O que era verdade no passado, deixa de sê-lo no presente. Já não sinto pejo em chorar. As vezes tenho necessidade de ser pequeno. Em outras palavras; vou deixar minha fortaleza abrir os portões da minha cidadela. Quero que todos saibam que, mesmo os mais fortes, vez ou outra, precisam de agrado, de colo, de ternura.

Entre as peças que o destino me pregou algumas foram terríveis, pois faleceram os recursos, acabou-se a capacidade

de luta. A morte de pessoas queridas foi a pior, embora previsível. Quando o Pai e a Mãe vão embora, fica um espanto, um vazio, uma solidão indescritível. Sempre meditei sobre esse abandono involuntário por parte daquelas pessoas amadas, a quem se podia pedir um conselho, às quais se confiava um lamento.

Hoje entendo por que motivo se sente só. É que, perto ou longe, não há mais quem pense na gente. Mesmo quando estava em lugares remotos, a quilômetros de distância, sentia-me seguro, forte, impávido, por saber alvo de cuidados. Quando em dificuldades, nas encruzilhadas da existência, tinha a certeza (confortante) que meu Pai e minha Mãe pensavam em mim. E não existiam tropeços que não fossem vencidos, barreiras que não caíssem, mágoas que não fossem alijadas, lágrimas que não fossem estancadas.

Costumo escrever sobre a mesa grande da sala. Quando o faço, exponho à luz meus pensamentos e, a maior parte das vezes, a televisão está ligada. Pouco importam as notícias, as novelas, os filmes. A atenção se reparte e as palavras e frases vão surgindo, até compor o escrito, a crônica do cotidiano. Todavia, neste momento, não pude conseguir. Uma dupla de muito sucesso (Leandro e Leonardo) estava cantando uma canção popular. E o refrão me tirou do prumo, sintetizando à perfeição, minha emoção. Diziam os cantores:

"Pense em mim,  
Chore por mim".

Quem é que agora, que já adentrei os 70 anos, pensa em mim, que se lembra que eu existo, que sinto dores, que tenho incertezas, anseios e sonhos? Quem que sabe que também tenho medo? Que não sou o machão valente e sem dúvidas?

Gostaria imensamente que meus Pais estivessem por aqui, vivos, compreensivos, amigos, dando-me carinho, amor, ternura, pesando em mim, chorando por mim...